

## A Representação do Comportamento de Garotas Adolescentes no Cinema: Uma Análise Sobre Meninas Malvadas<sup>1</sup>

Giullia Vênus Oliveira Santos<sup>2</sup>  
Universidade de Brasília, Brasília, DF

### Resumo:

Com o conhecimento de que o cinema e a televisão transmitem normas culturais padronizadas da feminidade, por meio da propagação de imagens visuais, abordagens e temáticas, torna-se pertinente analisar criticamente como as produções cinematográficas distribuem tais moldes sociais. Este artigo se propõe a realizar uma análise do filme *Meninas Malvadas* (*Mean Girls*, 2004), dentro da perspectiva de estudos de gênero. O objetivo é relacionar aspectos da obra relativas a como essas garotas são retratadas e interagem umas com as outras, baseado nas ideias expostas por Naomi Wolf em *O mito da beleza*, por Susan R. Bordo em *O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault* e por Betty Friedan em *A mística feminina*.

### Palavras-chave:

Meninas Malvadas; cinema; estudos de gênero; análise fílmica; comunicação.

### Introdução

O cinema, não muito diferente da mídia em geral, constrói concepções de masculino e feminino, que se tornam ao longo dos anos convicções hegemônicas (ALMEIDA, 2007, p. 188). Por este motivo, como aponta Almeida, a mídia pode ser vista como uma tecnologia de gênero. Bordo afirma que “com o advento do cinema e da televisão, as normas da feminidade passaram cada vez mais a ser transmitidas culturalmente através do desfile de imagens visuais padronizadas” (BORDO, 1997, p. 24). Neste contexto, torna-se relevante observar de forma crítica e analítica a forma que as produções cinematográficas abordam e difundem arquétipos. Neste trabalho, o do que são garotas adolescentes.

Este artigo se propõe a realizar uma análise do filme *Meninas Malvadas* (*Mean Girls*, 2004), pela perspectiva das questões de gênero relativas ao mito da beleza e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduanda em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade de Brasília, e-mail: giulliavenus@hotmail.com

---

comportamento entre garotas. A escolha desta obra se dá pelo fato de ser um filme de referência dentro da abordagem de comportamento de meninas nesta faixa etária. Além de ter sido muito elogiado por sua “descrição realista sobre as experiências do colegial” e pelas “inteligentes mensagens transmitidas”, dentro de uma satirização sobre adolescência<sup>3</sup>.

Este longa-metragem estadunidense foi dirigido por Mark Waters e escrito por Tina Fey, contém 1h e 38 min de duração. O filme é narrado pela perspectiva de Cady Heron (Lindsay Lohan), uma garota que cresceu na África e sempre estudou em casa. A menina retorna aos Estados Unidos com seus pais e começa a frequentar a escola pela primeira vez aos 17 anos. No início ela apresenta dificuldades em se socializar, mas logo consegue fazer dois amigos, Janis (Lizzy Caplan) e Damian (Daniel Franzese), que a ensinam como funcionam os círculos sociais da escola. Eles comentam sobre o grupo das Poderosas, formado pela líder Regina George (Rachel McAdams) e suas seguidoras Gretchen Wieners (Lacey Chabert) e Karen Smith (Amanda Seyfried). Por um acaso, Cady acaba se envolvendo com essas meninas e Janis, que odeia Regina, sugere que Cady se aproxime das Poderosas para que possam fazer piada do grupo e se vingarem de Regina. No início Cady se mostra receosa quanto à ideia, mas concorda e se engaja mais ainda no plano após Regina George reatar seu relacionamento com Aaron Samuels (Jonathan Bennett), rapaz por qual Cady havia se apaixonado.

A obra é descrita por especialistas como uma sátira ao comportamento de jovens garotas, especialmente umas com as outras, no período da escola<sup>4</sup>. O roteiro foi escrito baseado no livro *Queen Bees & Wannabes* (2002), de Rosalind Wiseman, no qual foca na maneira a qual meninas da escola de ensino médio formam grupos, e no comportamento agressivo de meninas adolescentes e como lidar com elas. O filme, quando lançado, foi bem recebido por críticos cinematográficos americanos, arrecadou 129 milhões de dólares pelo mundo, hoje é considerado um clássico cult e uma das obras mais influente no século XXI<sup>5</sup>.

A análise fílmica será feita seguindo o modelo de análise proposta por Goliot-Lété e Vanoye no “Ensaio sobre análise fílmica”. Na qual consiste em primeiro, fazer uma desconstrução da obra, e segundo, estabelecer elos entre os elementos de interpretação.

---

<sup>3</sup> De acordo com artigo *Mean Girls*, wikipédia, a enciclopédia livre.

<sup>4</sup> Idem ítem 3.

<sup>5</sup> Idem ítem 3.

---

Como aporte teórico, serão utilizados aspectos da obra que se relacionam, principalmente, com o mito da beleza, defendido por Wolf, com a teoria sobre o corpo de Bordo e a mística feminina de Friedan.

Neste contexto, serão apresentadas as seguintes questões presentes no filme: a diferença entre o universo das garotas e o mundo real, a insatisfação delas com o corpo, a desvalorização das habilidades de Cady com matemática, e o constante desejo de emagrecimento vivido por Regina George e também como é abordado o ganho de peso da personagem.

### **O universo das garotas e o mundo real**

A partir do momento em que Cady passa a pertencer ao grupo das Poderosas, a personagem percebe uma série de diferenças com o mundo que conhecia fora desta socialização escolar. Nesta nova realidade existem muitas regras, Wolf afirma que com a ascensão de mulheres no mercado de trabalho, advindas da segunda onda feminista e consequente declínio da mística feminina:

A ocupação com a beleza, trabalho inesgotável porém efêmero, assumiu o lugar das tarefas domésticas, também inesgotáveis e efêmeras. Como a economia, a lei, a religião, os costumes sexuais, a educação e a cultura foram forçados a abrir um espaço mais justo para as mulheres, uma realidade de natureza pessoal veio colonizar a consciência feminina. Recorrendo a conceitos de "beleza", ela construiu um mundo feminino alternativo, com suas próprias leis, economia, religião, sexualidade, educação e cultura, sendo cada um desses elementos tão repressor quanto os do passado. (WOLF, 1992, p. 20)

Este novo mundo alternativo é captado por Cady, em seu primeiro almoço com as novas amigas Poderosas, “Almoçar com as poderosas era como deixar o mundo real e entrar no mundo das garotas. E no mundo das garotas haviam muitas regras” (13min40s). Regras estas nas quais quase todas diziam a respeito de comportamentos relativos à beleza e consumo, como não poder usar rabo de cavalo por dois dias seguidos e somente vestir jeans e moletom nas sextas-feiras. Neste universo as garotas fazem compras, mas nunca devem comprar uma nova peça sem terem o aval de uma amiga antes, a mesma norma serve para se envolverem com rapazes. Nota-se aqui que como “o valor social básico da mulher não é mais definido pela encarnação da domesticidade virtuosa, o mito da beleza o redefiniu como a realização da beleza virtuosa” (WOLF, 1992, p. 23).



Figura 1: Entrada de Cady ao mundo das garotas

O enquadramento da cena do primeiro estranhamento e choque cultural começa com um plano distante de ambientação, no refeitório, que com o movimento de zoom, torna-se um plano geral e em seguida a um plano de conjunto. Representando, desta forma, a aproximação e entrada de Cady no mundo das garotas. As meninas do grupo são facilmente reconhecidas, destacam-se com suas roupas cor de rosa, perante as cores mais frias utilizada por quase todas as outras pessoas que aparecem no quadro e aos objetos de cena. Isso cria um clima de estranhamento ainda maior durante esta aproximação, vivido pela personagem.

### **Insatisfação com o corpo**

Outra questão de estranhamento de Cady no início do filme foi a insatisfação com o corpo presente nas Poderosas. Segundo Wolf: “O mito da beleza na realidade sempre determina o comportamento, não a aparência” (WOLF, 1994, p. 17). Apesar de essas meninas representarem o ideal de beleza naquele contexto, todas elas tinham diversas críticas a seus corpos. Na frente do espelho começam as afirmações, primeiro por Karen, aparentemente a mais magra delas, “meu quadril tá enorme”, é acompanhada pelas outras duas amigas reclamando de suas coxas, ombros, cabelo, poros e cutículas (19m22s). Nas palavras de Wolf: “As neuroses modernas da vida num corpo feminino se espalham de mulher para mulher em ritmo epidêmico” (1994, p. 23). No decorrer da história, quando Cady está totalmente dentro dos padrões das Poderosas, ela aparece se observando em

frente ao espelho da mesma forma que as outras (44m10s), quando se percebe obcecada por Regina.



Figura 2: Obsessão e semelhança de Cady com as Poderosas.

O mito faz com que mulheres acreditem que jamais alcançarão o ideal de beleza criado, é o que acontece não somente com as Poderosas. Esta cena das meninas de frente para o espelho, reflete momentos cotidianos de milhares de garotas e mulheres. Por ironia, Wolf também destaca que este mesmo mito que as separa as une, pois, “queixas sobre o mito são tão eficazes quanto um bebê para criar um contato agradável entre mulheres desconhecidas e derrubar a linha de cautela com relação à outra” (1994, p. 99). Isto é mostrado em *Meninas Malvadas*, quase que como uma etapa obrigatória de aproximação de Cady ao adentrar o grupo. Quando após o ritual de queixas as garotas a encaram na espera de uma reclamação sobre si mesma.



Figura 3: Primeira imagem, queixas das garotas sobre seus corpos. Na segunda, expectativa das meninas em cima de uma reclamação de Cady.

### Desvalorização do Intelecto

A personagem Cady apresenta interesses e é convidada para fazer parte de uma equipe de matemática, por se mostrar muito boa na disciplina, mas logo é aconselhada

---

por todos os seus amigos a não aceitar, por ser “suicídio social”, logo aqui já é possível perceber uma desvalorização do intelecto. Outro ponto de muita importância neste tópico é o fato de Cady, somente receber mais atenção de Aaron, no momento em que começa a fingir ser ruim em matemática, ao ponto de deixar cair o rendimento na disciplina para ser mais notada. Isto que acontece com a personagem Cady, nesta transição de garota boa em matemática para uma Poderosa ou mesmo uma caricatura de Regina George, é descrita por Friedan em a mística feminina:

Essas jovens estavam simplesmente seguindo a curva típica do ajuste feminino. Anteriormente interessadas em geologia ou poesia, interessavam-se agora somente em ser admiradas. Para agradar aos rapazes era melhor ser igual às outras. [...] Precisavam copiar, detalhe a detalhe, a imagem da jovem popular (FRIEDAN, 1971, p. 65)

Há também o estereótipo da menina bonita e burra, apontada por Wolf: “A cultura estereotipa as mulheres para que se adequem ao mito nivelando o que é feminino em beleza-sem-inteligência ou inteligência-sem-beleza. É permitido às mulheres uma mente ou um corpo, mas não os dois ao mesmo tempo”. Na trama, esta característica é refletida na personagem Karen Smith. Logo no início a personagem é apontada como “a garota mais burra que já vi” por Janis (07m38s). Karen não somente é vista como burra, como também se autoidentifica e nem se importa, quando Cady a diz (47m08s) que ela não é burra, a garota confirma “Não, na verdade eu sou mesmo”.

### **Regina George, a constante necessidade de emagrecimento e seu engordamento**

Como já anunciado, Cady e Janis buscam se vingar de Regina George pelo mal que a personagem teria cometido. Planejam a vingança fingindo como se nada houvesse acontecido, que como é descrito por Cady “todas as brigas são por debaixo dos panos” (31m08s). A princípio, o objetivo de Cady e seus colegas é acabar com a “ditadura” de Regina na escola. O sucesso e popularidade de Regina, como uma “ditadora maligna” é explicado por três principais recursos indicados pela personagem Janis: Homem objeto de alto escalão (Aaron Samuels), pelo corpo bonito e por suas seguidoras (Karen e Gretchen). A partir do momento em que ela perde esses três elementos, ela perderia também seu poder.

De acordo com Bordo, o corpo é um agente da cultura, uma poderosa forma simbólica e também pode funcionar como uma metáfora:

Um lugar prático direto de controle social. De forma banal, através das maneiras à mesa e dos hábitos de higiene, de rotinas, normas e práticas aparentemente triviais, convertidas em atividades automáticas e habituais, a cultura "se faz corpo", como coloca Bourdieu. Assim, ela é colocada "além do alcance da consciência... [inatingível] por transformação voluntária, deliberada" (1977:94). Nossos princípios políticos conscientes, nos engajamentos sociais, nossos esforços de mudança podem ser solapados e traídos pela vida de nossos corpos. (BORDO, 1997, p. 19-20)

Ainda de acordo com Bordo, as regras das construções de uma feminilidade impõem que mulheres aprendam a alimentar outras pessoas e não a si mesmas, de forma que devam considerar voraz ou excessivo qualquer desejo de alimentação (BORDO, 1997, p. 25). Sendo assim, a fome feminina é retratada como algo que precisa ser freado e controlado. Isso é mostrado em *Meninas Malvadas*, na obra, Regina está constantemente buscando o emagrecimento. Bordo ressalta que muitas meninas vivem com medo de ganhar peso e deixarem de ser sensuais e atraentes. Elas passam a contar as calorias que ingerem diariamente, e isto é exatamente o que Regina faz em quase todas as cenas que se passam no refeitório.

Uma das formas que Cady encontra de sabotá-la é fazê-la comer barras de cereais suecas para engordar dizendo sua mãe usava as barras para emagrecer. Esta é a primeira vez que Regina é mostrada comendo algo (42m40s). Neste mesmo frame, também é possível notar a transição de Cady, com características similares a de Regina. A maquiagem é parecida, e ambas utilizam um colar com a letra inicial do nome.

É interessante observar que, com exceção de quando Cady antes de se tornar uma Poderosa se alimenta no banheiro da escola sozinha, ao som de uma trilha sonora que remete a tristeza e solidão, num enquadramento que sugere isolamento devido às paredes e cores frias (5m10s), até então nenhuma das Poderosas é mostrada comendo, apesar de diversas cenas se passarem no refeitório.

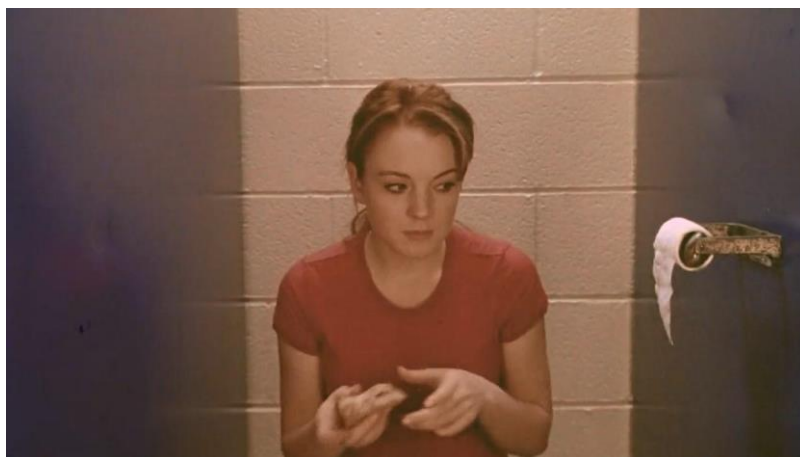


Figura 4: Cady almoça no banheiro.

A única outra mulher que é vista comendo no filme, é a professora Norbury de matemática numa cena em que enquanto aconselha Cady a deixar de ir mal de propósito nas provas por causa de um garoto. Nesta conversa, a professora está contando os motivos de seu divórcio, que pode ser entendido, neste contexto, como falha de uma mulher. Além disso, a professora é enquadrada no plano contra-plongée, que pode vir a transmitir inferioridade.



Figura 5: Professora Norbory.

Nesta mesma cena em que Regina passa a comer as barras, ela diz “Eu queria mesmo perder um quilo e meio”. O que é rebatido por suas amigas que a dizem que ela está ótima. No entanto, segundo Wolf “as mulheres com obsessão pelo próprio peso ignoram elogios por sentirem que somente elas mesmas sabem realmente o quanto é repulsivo o corpo oculto à visão de terceiros” (1992, p. 161). A partir disso, Regina é mostrada consumindo diversos alimentos em várias partes no decorrer da trama, o que resulta em seu aumento de peso. Cady considera que alcançou o objetivo de “tirar” o belo que corpo de Regina possuía, no momento em que ela não coube em um vestido de uma loja que só vendia modelos até o tamanho 38.

Nas imagens abaixo é possível notar as semelhanças entre as duas personagens e contrastes que surgiram desde que Regina passa a comer as barras nutritivas suecas. No primeiro quadro, existem similaridades em aspectos de figurino, maquiagem e acessórios, ambas utilizam um colar com um pingente com a letra inicial de seus nomes. No segundo,



percebe-se que ao passo que Regina engorda, ela passa a representar cada vez menos a feminilidade que apresentava no início do filme. A personagem tende a usar menos maquiagem, usa o cabelo preso e possui uma bandeja cheia de comida a sua frente.

Enquanto isso, Cady representa cada vez mais a feminilidade, maquiada, de cabelos soltos e pouca comida no prato. Bordo sugere que a busca pela feminidade “é apresentada como o caminho mais importante de aceitação e sucesso para as mulheres em nossa cultura” (1997, p. 33). E assim, aos poucos Cady vai assumindo cada vez mais liderança no contexto escolar, à medida que Regina perde.



Figura 6: Primeiro quadro, semelhanças entre Regina e Cady. No segundo, contraste entre as duas personagens e entre o “auge” e “declínio” de Regina.

Ao deixar de representar modelos de feminilidade Regina passa a ignorar as regras que ela própria em conjunto com as amigas haviam criado para o grupo. É interessante notar como entre os recursos de poder de Regina, a questão do corpo esteve intimamente ligada às suas seguidoras, pois apesar de a forma de tratamento da antagonista ter influenciado dentro da relação dela com as amigas, o estopim da exclusão de Regina do grupo, se deu no momento em que ela não pode continuar andando com as amigas por estar utilizando moletom na segunda-feira, que era a única roupa que lhe servia.

A expulsão dela do grupo das Poderosas se dá com Regina se levantando da mesa e esbarrando numa garota mais gorda que ela que diz “olha por onde anda, obesa”. Os colegas do refeitório riem, a ridicularizam, a cena e o “reinado” de Regina na escola, terminam com um close na bunda de Regina (53min47s).



Figura 7: Conjunto de planos que denotam a expulsão de Regina do grupo das Poderosas

## Conclusão

O filme, apesar de ser uma sátira bem construída e possuir protagonismo indiscutivelmente de mulheres, não deixa de reproduzir uma série de aspectos do mito da beleza e feminilidade de mulheres. A personagem Regina George perde seu status quando deixa de representar estes padrões vistos como femininos, enquanto Cady Heron ascende socialmente na escola, quando passa a performá-los. Ou seja, mesmo que o enredo se proponha a ironizar o comportamento, a performance envolta da beleza é o que faz com que a personagem ganhe popularidade.

A competição de matemática e questões relativas à inteligência de Cady se mantém como secundárias até o fim do filme. Inclusive, ter que participar da competição, fazer uso de sua inteligência, é algo mostrado como um castigo por seus maus feitos.

Tendo em vista que o cinema, além de produzir, também reproduz padrões e convicções de gênero, cabe o questionamento sobre o pensamento a respeito do que são garotas na sociedade e como o mito da beleza têm influenciado estas garotas. Na lógica de não somente *Meninas Malvadas*, mas também incrustado na cabeça de meninas e mulheres, quanto mais, não necessariamente a beleza em si, mas o comportamento na busca dela, maiores são as chances de garantia do status social.

Wolf defende que garotas aprendem que as histórias acontecem somente com mulheres "lindas", sejam elas interessantes ou não. E, interessantes ou não, as histórias

não acontecem a mulheres que não sejam "lindas" (WOLF, 1992, p. 80). Se antes dentro da mística feminina apontada por Friedan, mulheres deveriam ser donas de casa incríveis e ter muitos filhos para serem vistas como heroínas, hoje, elas precisam ser lindas para merecerem ter histórias contadas.

## Referências

ALMEIDA, Heloisa Buarque de et al. Consumidoras e heroínas: gênero na telenovela. **Revista Estudos Feministas**, 2007.

BELELI, Iara. Corpo e identidade na propaganda. **Revista Estudos Feministas**, v. 15, n. 1, 2007.

BORDO, Susan R. O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. **Gênero, corpo, conhecimento. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos**, p. 19-41, 1997.

ELAN, Priya, **Why Tina Fey's Mean Girls is a movie classic**. The Guardian. 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/film/shortcuts/2013/jan/29/tina-feys-mean-girls-movie-classic>>. Acesso em: 4 jun. 2018.

FEITOZA, Frederico Antonio. SELETIVIDADE TEENAGER: A SENSIBILIDADE EUGÊNICA EM IMAGENS DO HIGH SCHOOL. **Cadernos de Comunicação**, v. 16, n. 2, 2012.

FERNANDES, Luanna. **Plongée e contra-plongée: a arte de medir com a câmera**. A Gambiarra. 2013. Disponível em: <<https://www.agambiarra.com/plongee-contra-plongee/>>. Acesso em: 4 jun. 2018.

FRIEDAN, Betty. **Mística feminina: o livro que inspirou a revolta das mulheres americanas**. Tradução Áurea B. Weissenberg. Petrópolis, RJ: Vozes Limitada, 1971.

GOLIOT-LÉTÉ, Anne; VANOYE, Francis. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Tradução de Marina Appenzeller, v. 5, 1994.

MACHADO, Liliane Maria Macedo. E a mídia criou a mulher: como a tv e o cinema constroem o sistema de sexo/gênero. 2010.

**Mean Girls**. Direção: Mark Waters, Produção: Lorne Michaels, Tony Shimkin, Louise Rosner. Estados Unidos. M. G. Films, Broadway Video, 2004.

MEAN GIRLS. In: **WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Mean\\_Girls&oldid=52264938](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Mean_Girls&oldid=52264938)>. Acesso em: 4 jun. 2018.

**Meninas Malvadas**. Adoro Cinema. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-55567/>>. Acesso em: 4 jun. 2018.

MULVEY, Laura et al. **Prazer visual e cinema narrativo. A experiência do cinema: antologia**. Rio de Janeiro: Edições Graal: Embrafilmes, p. 437-453, 1983.

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes-conceitos e metodologia (s). In: **VI Congresso SOPCOM**. 2009. p. 6-7.

ROCKENBACH, Fabio Luis. **Como realizar uma análise fílmica?**. Revista moviment. 2017. Disponível em <<https://revistamoviment.net/como-fazer-uma-analise-filmica-96f1e7e6cc74>>

SILVA, Ivana Carolina Santos da. Sororidade e rivalidade feminina nos filmes de princesa da Disney. 2017.

TINOCO, Dandara et al. Antídoto à rivalidade: sororidade, substantivo feminino: termo usado para expressar empatia entre mulheres ganha força nas redes sociais. 2016.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**. Rocco, 1992.